

IGREJA DO ROSÁRIO (II)

71 20

ELMO ELTON

As duas Irmandades passaram a dividir o ano: De primeiro de janeiro até o dia de Corpus-Christi, a vara ficava com os **caramurus**, e, do dia seguinte até o final do ano, a mesma passava às mãos dos **peroás**. Os **caramurus**, durante seis meses, iluminavam a fachada da igreja do Convento, sendo os maiores festejos realizados no Domingo do Espírito Santo, os dois dias seguintes eram consagrados ao Menino e a São Benedito, respectivamente, saindo, na terça-feira, a procissão do santo.

Apagadas as luzes da fachada da igreja do Convento, acendiam-se as da do Rosário. Os **peroás** davam maior brilho às suas festas no dia 25 de dezembro (Natal); o dia 26 era o do Menino, saindo, dia 27, a procissão de São Benedito. A descida do mastro se fazia a 31 de dezembro, dia de São Silvestre, quando "caía o partido dos **peroás**", tal diziam seus integrantes que, ali reunidos, se abraçavam, chorando, os mesmos que, seis meses antes, cantarolavam ou assoviavam: — "Areia do má... / Vamo carregá.../ Areia do má... / Vamo carregá.../ Vamo pro Rosário/ Já lá vô.../ O que nois queria/ Já chegou..."

A parte norte da cidade, até o final da Capixaba, era essencialmente **peroá**, e a parte sul, abrangendo toda a área do Campinho e adjacências, **caramuru**. Antes da saída das duas procissões, sempre, conforme dito, em datas diferentes, os devotos cuidavam da limpeza total por onde passaria o andor do santo, sendo que, no dia exato desse ou daquele cortejo, o chão era recoberto de areia fina (nem todas as ruas tinham calçamento), espalhando-se nele folhas de mangueira. As bandeirolas, multicores, subiam em cordas ou cordões, bambus se entrelaçavam formando artísticos arcos, e, nos lampeões das escadarias, a iluminação era reforçada.

Como característica dessas duas procissões, anotou pesquisador paciente, estava a saudação ou cumprimento das imagens: a do Convento e a da igreja do Rosário.

Quando a procissão do Rosário passava em frente ao Convento, os irmãos **caramurus**, que já haviam colocado o santo no andor e descido até a rua, aguardavam a passagem do **outro** São Benedito e, durante alguns instantes, se defrontavam em simbólica saudação, enquanto que vivas, foguetes, girândolas e o dobre festivo dos sinos atrovavam os ares. No meio do ano, repetia-se a cerimônia, na passagem da procissão dos franciscanos pela rua do Rosário.

As duas Irmandades tinham bandas de música próprias. Os músicos vestiam custosos uniformes de lã e se diferenciavam **caramurus** e **peroás** pela cor dos trajes: — os primeiros usavam uniformes verdes e os segundos, azuis, os **dolmans** eram de gola alta, alamares ao peito, o boné, tipo francês, da mesma cor, mais parecendo esses uniformes com os dos militares da época.

Os ensaios da Filarmônica Rosariense se realizavam, quase sempre, na rua do Piolho (atual Treze de Maio), na casa do negociante Perna-Fina. A Filarmônica também conhecida por Banda de Música Rosariense, sendo completamente reorganizada, em 1839, por Manoel João Boamorte. Todos os componentes da Filarmônica gozavam de prestígio nas camadas mais populares da cidade, tais como Zé do Barão, também chamado Zé Guizô, tocador de bombo, e Luiz Conguinho.

Tanto nas festas do Rosário como nas do Convento, as bandas se faziam presentes, quando os devotos, fora da igreja, dançavam, preferencialmente, o camundá, nunca, porém, formando pares,

como nos salões de baile. Durante muito tempo essas bandas eram protegidas por homens fortes, valentes, uma vez que, se mais furiosa a rivalidade entre os dois partidos, era proeza maior para o autor e a mais desmoralizante para a vítima, furar o bombo da banda do partido adversário.

Os devotos de São Benedito, de uma ou de outra Irmandade, procuravam sobressair-se em tudo, isto é, no jeito com que realizavam suas festas, na maneira como se portavam nos ofícios religiosos, nas procissões, mesmo no convívio social, até no trabalho, no extremismo de suas rugas, no fanatismo com que apregoavam os milagres do santo, em Vitória. Cada partido se dizia mais beneficiado pelo número desses milagres, sendo que, na indumentária, faziam questão de exibir as cores que adotavam, mormente as mulheres.

"Inicialmente, as pretas das duas Irmandades passaram a usar, nos seus antigos trajes de baianas, as cores distintas dos seus partidos religiosos (...) Vestiam de um modo geral as **peroás** — camisa de cabeção, saia azul e chale azul. Enfeitavam-se com fitas azuis. As saias, quando não eram inteiramente azuis, eram enfiadas de fitas e laçarotes azuis. As **partidárias caramurus** vestiam o mesmo traje, porém da cor verde, com fitas verdes e laçarotes também verdes. Com o correr das rivalidades, conta o historiador Jair Etienne Dessaune, "uma das mais ferrenhas partidárias de uma Irmandade mandou fazer sandálias da cor do partido rival, para mostrar superioridade, carregando-o aos pés, pisando-o. O costume pegou. **Peroás** vestiam azul de todo jeito, mas calçavam sandálias verdes, e **caramurus** não relaxavam em arrastar sempre os pés, pisando sandálias azuis, como o azul **peroá**!"

Registra o mesmo historiador — "Já não eram apenas as baianas, as negras, que vestiam a vestimenta clássica. Todas as mulheres de todas as classes primavam em vestir verde ou azul. Vestidos custosos, de veludo verde, de panos verdes os mais caros. As modas mais modernas de tecidos azuis, fitas azuis, chales azuis, leques e marafas também azuis, a dominar, ora no princípio, ora no fim do ano. Os homens, por sua vez, usavam, de preferência, gravatas verdes ou azuis, conforme o partido seguido por cada um.

Os poetas da cidade também tomavam partido, decantando em versos, que eram logo decorados, as excelências desta ou daquela facção, tais os do padre João Luiz da Fraga Loureiro, colhidos por Afonso Cláudio, em sua **História da Literatura Espírito-Santense** (1912).

Quando da inauguração do Teatro Melpômene, em Vitória, em 1896, representou-se ali a opereta **A Mascote**, seguida pela Sinfonia do Guarani, sendo responsável pelo espetáculo a Companhia Espanhola Júlia de Plá, que, após alguns meses na cidade, caiu no desagrado do público. Para salvá-la do fracasso, o capixaba Ubaldo Rodrigues, em poucas horas, escreveu, em versos, a peça **Ontem e Hoje**, com música de Nicolino Milano ou Francisco Duchêrme, abordando as rivalidades entre **caramurus** e **peroás**, alcançando casas repletas, visto que nenhum **caramuru** nem **peroá** algum deixava de assisti-la, por duas, três ou mais vezes seguidas, fossem eles desta ou daquela posição social. Tais versos, não há muito, ouvi-os cantados pela professora Zulmira Ferreira, informando-me a mesma, na ocasião, ter sido **peroá** quando menina, e sua irmã Sem-ramis (Bibi) **caramuru**, ambas seguindo, então, como de costume, o partido das próprias madrinhas. (Continua)